



A PRODUÇÃO DE TEXTOS NA ESCOLA PÚBLICA: Um debate sobre o ensino e o aprendizado

Analéia Domingues¹
Osmar Martins de Souza²

Resumo

Este artigo apresenta os resultados de uma pesquisa que teve por objetivo discutir o ensino e o aprendizado dos conceitos fundamentais da Língua Portuguesa a partir de produções de textos de alunos de 4ª série do Ensino Fundamental de escolas públicas. Para realizar esse estudo foram recolhidas produções de texto de alunos da referida série, de 10 escolas de Maringá/PR e região. Como suporte teórico e metodológico nos fundamentamos no Método Marxista procurando compreender nosso objeto de estudo em suas múltiplas relações. Elegemos os teóricos da Teoria Histórico-Cultural para compreendermos os conceitos de ensino, aprendizagem, desenvolvimento e mediação, para posteriormente, analisar como esses conceitos aparecem nos textos das crianças. Os resultados da pesquisa levam a postular que há muito por ser feito no campo da educação e, mais especificamente, no trabalho com a língua portuguesa. É preciso repensar a forma como se tem trabalhado, o que se está ensinando e, o mais importante, como os conteúdos estão sendo ensinados. Há que se repensar a formação propiciada aos alunos.

Palavras-chave: Texto. Ensino. Aprendizagem. Escola.

Recebido em: julho/2010 – Aceito em: fevereiro/2011

1 Pedagoga, Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Maringá e professora do Departamento de Pedagogia da Faculdade Estadual de Ciências e Letras de Campo Mourão – PR. E-mail: Analeia2504@gmail.com.

2 Filósofo, Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Maringá, doutorando em Educação pela mesma universidade e professor do Departamento de Ciências Sociais da Faculdade Estadual de Ciências e Letras de Campo Mourão. E-mail: Msousa.32@gmail.com.





THE PRODUCTION OF TEXTS IN PUBLIC SCHOOLS: A DEBATE ON TEACHING AND LEARNING

Abstract

This paper presents the results of a research which purpose was to discuss the teaching and learning of paramount concepts in Portuguese Language. As a frame of reference, the aforementioned research took into consideration textual productions of 4th grade elementary students in public schools. In order to conduct that study, texts from ten schools of Maringá (PR) and its outskirts were collected. Once we intended to investigate that subject considering its multiple relations, our work was theoretically and methodologically grounded on the Marxist method. In addition to this, we went for theorists of the Historical-Cultural Theory in hopes of understanding the concepts of teaching, learning, development and mediation, which later on helped us analyze how such concepts play out in the kids' texts. Reaching the result led us conclude that there is a lot to be done in the realm of education, especially when it comes to teaching Portuguese Language. Thus it is a question of overriding importance to reevaluate the way it has been dealt with, as well as what is being taught and finally how the subjects are being given. It is then necessary to rethink a propitious education for the students.

Keywords: Text. Teaching. Learning. School.

Introdução

Produzir textos na escola se tornou uma atividade diária. Esta prática ganhou espaço dentre as atividades escolares principalmente a partir da década de 1980 com a implantação do Ciclo Básico de Alfabetização em alguns estados brasileiros como São Paulo, Paraná e Minas Gerais. O CBA como ficou conhecido, foi adotado em muitos estados como uma medida para enfrentar o “fantasma” da reprovação principalmente na 1ª série do Ensino Fundamental, já que previa a não reprovação da 1ª para a 2ª série, estendendo o período de alfabetização para dois anos. Esta proposta tinha também





como objetivo mudar o foco da alfabetização e fazer do aluno um leitor e produtor de textos.

O documento intitulado Currículo Básico para a escola pública do Paraná (1990), que sistematizou a proposta do Ciclo Básico orientava os professores sobre a necessidade de no início do processo de alfabetização deixar a criança escrever ainda que sem o domínio da linguagem na forma grafada. O mais importante era garantir ao aluno a fluência no ato de expressar suas ideias por meio da escrita:

Desse modo, o elemento norteador do processo de alfabetização deixou de ser a letra, a sílaba ou a palavra descontextualizada, para ser o texto. Ele seria o ponto de partida e o ponto de chegada do processo de aquisição da linguagem escrita, para o qual deveriam convergir todos os esforços (DOMINGUES, 2003, p. 53).

A partir de então, o trabalho de produzir textos nas escolas se tornou um hábito, uma atividade diária, corriqueira. A nosso ver, saber escrever com propriedade é fundamental para o desenvolvimento de outras capacidades humanas. Mas esta atividade precisa ser organizada e bem planejada pelos professores que precisam refletir melhor sobre como encaminhá-la. Apenas garantir ao aluno a fluência do ato de escrever e deixar que ele escreva livremente não desenvolve nele a capacidade de produzir textos. Essa atividade precisa ter a mediação consciente do professor.

O Ciclo, ao ser implantado nos estados de São Paulo, Minas Gerais e Paraná, objetivava oferecer um ensino diferenciado do até então ministrado nas escolas estaduais. Um ensino de qualidade superior, que formasse um aluno capaz de produzir textos pautados num pensamento crítico bem articulado. Todavia, para escrever sobre algum assunto se faz necessário ter argumentos e conhecimentos interiorizados sobre o conteúdo que será cobrado nas produções. O aluno só pode escrever sobre aquilo que conhece. Aqui, a função do professor ganha uma importância maior. Compete a ele promover discussões, debates, enfim, fornecer ao aluno os elementos de que necessita para produzir.





A ênfase dada pela proposta do Ciclo na produção de texto deixa muitas questões para serem pensadas: Quando ela preconiza a formação de um aluno leitor e construtor de texto, em que está se baseando? Quais os aspectos a serem priorizados nessa atividade? Um aluno que tenha técnicas de produção, que domine a forma do texto? Um aluno que mostre em seu texto, domínio de conteúdo?

Portanto, não basta escrever por escrever. É imprescindível ter clareza sobre o caráter do texto, sobre seus propósitos. Quem o escreve? Com que finalidade? A que espécie de formação leva os conceitos e valores nele implícitos? Em que ótica esses conceitos e valores serão explorados pelo professor? Na perspectiva da sociedade do consumo, ou visando compreender suas contradições, seus problemas, suas demandas humanas?

É por essas razões que o ensino e, por decorrência, o professor precisam de um método que indique como organizar e ensinar os conteúdos escolares de modo a conhecer, por intermédio deles, a sociedade. Nesse sentido, a produção de textos não pode ser um momento “individual” em que o aluno escreve o que pensa, ou emite uma opinião baseada no “achismo”. Ela deve ser uma atividade mediada pelo professor que precisa através da produção de texto fazer com que o aluno apreenda os conceitos fundamentais do conteúdo trabalhado.

2 As produções de texto e os conceitos fundamentais

Para realizar esse estudo foram recolhidas produções de texto de alunos de 4ª série, de 10 turmas de 10 escolas diferentes de Maringá e região. Os textos foram lidos e analisados. Por razões éticas, as escolas e os alunos que participaram dessa pesquisa não serão identificados. Apenas o conteúdo do material recolhido será transcrito e servirá como subsídio ao trabalho de análise subsequente.

Cabe enfatizar que essa série foi escolhida por constituir-se na etapa final do Ensino Fundamental I. Nesse sentido, por representar o final de quatro anos de um trabalho no qual a prioridade foi fazer do aluno um produtor de textos, acredita-se que tais produções possam evidenciar resultados mais claros em relação aos objetivos estabelecidos.





De acordo com Vygotsky (1994), a aprendizagem é um processo ativo de internalização de conhecimentos presentes nas relações com pessoas e objetos, é apropriação e reconstrução interna de um conteúdo que inicialmente, está dado no plano externo das relações sociais. A aprendizagem, na teoria Histórico-Cultural, é sinônimo de aquisição de conteúdo, de formas de pensar, de sentir, enfim, de ser.

Tomando como parâmetro o conceito de aprendizagem elaborado por Vygotsky (1994) no sentido de apreensão de conhecimentos e, conseqüentemente, de capacidades cognitivas, torna-se essencial verificar como o aprendizado de conteúdos e formas de pensamento se mostra nos textos analisados³.

Um aspecto que chama a atenção nas produções, em se tratando de alunos de 4ª série, situados na faixa etária de 10, 11 anos, é o pensamento ainda, marcadamente fantasioso. Nelas, com frequência, seres inanimados têm vida e animais agem como se fossem humanos. Pode-se observar tal característica em vários textos, dentre eles escolhemos esta produção, para ilustrar o que ora se afirma:

O pombo

“Depois o pombo veio agradecer a menina por ter curado ele e ele foi avoando e encontrar sua mãe e pai para ir a casa da menina que curou ele [...] a família dele foi na casa da menina para conhecer ela porque ela ajudou o pombo a vooar bastante foi um grande dia”.

Esse trecho evidencia um pensamento deslocado da realidade, onde um pombo tem uma atitude de agradecimento para com a pessoa que lhe ofereceu ajuda. Demonstra que o pensamento desse aluno ainda está apoiado em conceitos pré-científicos. Falta-lhe conhecimento sobre o que está escrevendo. É possível que alguns desses textos tenham sido escritos logo após a professora ter lido ou contado uma história onde os personagens, mesmo sendo animais, apresentam características humanas. Esta hipótese, uma vez considerada, só faz por aumentar ainda mais a necessidade de se promover, junto a esses alunos, o aprendizado de conceitos.

3 Serão transcritos trechos de textos tão como se encontram nos originais, estes estarão em itálico e entre aspas.





Existem outras tantas produções que seguem essa mesma linha de pensamento e de conduta. Mas destaca-se esta abaixo onde a terra é tratada como se fosse um ser humano:

(Sem Título)

“Um dia dona Terra estava com muito calor ela começou, a pedir socorro. Socorro, socorro. Começava a ter, muito calor todas as pessoas ouviram alguma pessoa gritando eles não sabiam quem. A terra, não aguentava mais ela gritou bem alto ai que as pessoas ouviram, e viram que era a Terra a Terra, conversou com as pessoas”.

Um outro texto, escrito por um aluno de uma outra escola sob o título de *Aninha e os animais*, também demonstra essa visão.

“E quando Aninha estava com o coelho no colo apareceu um passarinho muito má que chamava-se Lili e Lili estava com inveja e começou a ficar nervosa e foi embora para casa dele e o, cachorro, pato, gato, pintinho, e a galinha galinse só dando risada do passarinho”.

Pode-se verificar nesses exemplos que ainda predomina a visão mágica presente nos desenhos animados e filmes infantis que, por sua vez, ocupam na vida das crianças um espaço privilegiado. Os filmes são mais atrativos que a escola. Esta não tem conseguido fazer um trabalho de desmistificação do conteúdo dos desenhos animados veiculados pela televisão. Com seus programas infantis tem colaborado em muito para que alunos da 4^a série tenham um pensamento fantasioso, fora da realidade. Os alunos escrevem com base num conteúdo que é veiculado pelos meios de comunicação de massa, e é esse conteúdo que tem aparecido em boa parte dos textos estudados. Destacamos assim dois excertos de textos que narram uma viagem intergaláctica. Cabe enfatizar que tal tema foi proposto pela professora a partir de um desenho pronto dado aos alunos:

“Eu estava levando comidas, carnes, arroz, feijão, macarrão, tomates, balas e chocolates [] Eu levei cadernos, lapis, caneta, borracha levei uma bola, máquina de terar fotor e uma camera [] No meio da viagem eu vi muitas naves espaciais e levei um susto





[] Até que nós chegamos lá [] Os habitantes eram totalmente diferentes os cabelos eram enormes eles eram muito fortes mas bem forte mesmo. tinha poderes [] Eu fiquei lá 5 dias depois fui embora. Quando cheguei no Brasil todo mundo ficou perguntando [...]”.

Outro texto sobre o mesmo tema diz:

“Estamos em 1800 eu fuísordiado para ir nem um foguete para outra galáxia [] O nome do planeta era Óriom as pessoas eram magros tinham quatro mãos a cabeça era fina direbende ela engrosava dinhão três olhos [] O planeta tem veis que é frio e tem veis que é quente [] Debois viemos em bora muito feliz”.

As duas produções destacadas tratam do mesmo assunto, a viagem intergaláctica. Se tomarmos como objeto de análise a forma do texto (estrutura, ortografia), o primeiro está um pouco melhor que o segundo, contudo, quanto ao conteúdo não há diferenças significativas. Tanto uma como outra, denotam falta de conhecimento, põem em questão o ensino e, por decorrência, a aprendizagem. Os alunos não conseguem dar conta do tema, mesmo através de uma narração. Eles apenas contam o que levaram e descrevem superficialmente o que supostamente viram. Não há um conflito, característico de narrativas, e nenhuma reflexão acerca do planeta visitado, só algumas pequenas comparações que ficam no aspecto físico dos habitantes do tal planeta. Um dos alunos chega a confundir país com planeta, pois diz que, ao chegar ao Brasil, todo mundo ficou perguntando sobre a viagem.

Há uma dificuldade visível em se trabalhar com temas que fogem da realidade próxima. Estes, tanto quanto ou mais do que os outros, requerem um trabalho de mediação bem fundamentado. Será que é possível fazer uma viagem intergaláctica? Qual a intenção de se explorar outros planetas? Discussões desse tipo são imprescindíveis quando se almeja promover a capacidade de percepção e entendimento do real. Os alunos precisam ser instigados a pensar, a refletir sobre o que vão escrever. A visão presente nos textos ainda é muito abstrata. Não há sequer uma reflexão que evidencie um pensamento diferenciado que alcance para além das aparências. Aliás, nem essas são exploradas a contento.





Se esta é a realidade, então, é mister atentar para as explicações de Vygotsky (1994) no que se referem à relevância do trabalho de mediação a ser feito pelo professor. Trabalho esse que deve dispor o conhecimento científico, os conceitos capazes de desequilibrar a visão fantasiosa de mundo antes sublinhada. Dos textos analisados, infere-se que a aprendizagem, no sentido que o autor acima nominado a concebe, está longe de ser contemplada. Têm-se fortes evidências de que os momentos de reflexão, nos quais o professor dispõe elementos à compreensão de um assunto, estabelece relações, enfim, faculta o aprendizado de novos conteúdos, não estão ocorrendo. Não se detecta nos textos qualquer ideia que possa ser resultado do exercício da crítica.

No que se refere ao desenvolvimento Vygotsky (1994), o concebe como o processo de constituição das funções psíquicas superiores, próprias do homem. Tais funções ou capacidades são de base social. Isto significa que não nascem com o sujeito, antes sim, se formam na e por meio da convivência em sociedade, fundamentalmente pela via da linguagem nas suas diferentes formas. Fazem parte dessas capacidades as intelectivas dentre elas, a memória, a atenção, o raciocínio, as emoções e afetos e as relativas à psicomotricidade. Todas elas são histórico-culturais, escrevem Vygotsky (1998) e Luria (1979). Ou seja, se modificam a depender das necessidades, dos valores, dos conceitos em cada época e lugar.

O desenvolvimento não caminha paralelo ao aprendizado, pontua Vygotsky (1994, p. 118). Antes, segue ligeiramente atrás deste “[...] os processos de desenvolvimento não coincidem com os processos de aprendizado. Ou melhor, o processo de desenvolvimento progride de forma mais lenta e atrás do processo de aprendizado”. Aprendizagem não é desenvolvimento, prossegue o autor, mas, se bem organizada, resulta neste último. O aprendizado promove vários processos internos de desenvolvimento, implica apreensão e reconstrução, no plano individual, de conteúdo e formas de pensar, de sentir, disponíveis no social.

Kostiuk (1977, p. 52), concordando com Vygotsky (1994), afirma que o desenvolvimento intelectual da criança realiza-se no processo de interação com o ambiente natural e social:





Conduzir o desenvolvimento através da educação, significa organizar esta interação, dirigir a actividade da criança para o conhecimento da realidade e para o domínio – por meio da palavra – do saber e da cultura da humanidade, desenvolver concepções sociais e normas de comportamento moral.

Vygotsky (1994) entende que o ensino, se comprometido com o saber científico, exerce um papel ativo no desenvolvimento. Todavia, é preciso que esse saber seja ensinado não como fatos mortos, naturalizados, mas sim a partir das relações sociais, das necessidades que estão na base da produção do saber científico, da sua história. Através do domínio de conceitos cada vez mais complexos e articulados, desenvolve-se nos alunos a percepção, a abstração, a generalização, as operações lógicas, a curiosidade, a iniciativa, em síntese as capacidades psíquicas, típicas do homem.

E os textos produzidos por alunos de 4ª série, o que revelam sobre o desenvolvimento dessas capacidades? Dentre os muitos examinados, situa-se o que se segue:

(Sem título)

“Um dia três moleques que um era alto, gordo, forte, bonito e burro, outro alto, forte, magro, feio e inteligente o outro baixo, gordo, bonito mas era burro foram fazer piquinique num bosque lindo ar puro cheio de árvores no caminho como eles foram de carro viram muitas coisas até que viram um acidente eles pararam para ver e o homem no carro falou se eles iam para o bosque e eles iam para o bosque e eles falaram que sim e o homem falou:

- Não vão lá não porque tem um bicho que rouba piquiniqui mas eles nem deram bola para isso e foram quando chegaram lá deixaram a cesta e foram passear só que quando voltaram e abiram a cesta não tinha nada e falaram:

- Bem que eu tinha que escutar aquele homem falou. E foram embora”.

Na produção, o aluno refere-se a algumas qualidades para diferenciar os personagens. Porém, demonstra ainda não ter desenvolvido uma capacidade de análise, nem mesmo rudimentar,



sobre esses conceitos: O que é ser feio? Qual o parâmetro da beleza? O que é ser burro? Inteligente? Esses qualificativos definem as pessoas, diz realmente quem são? As tornam diferentes entre si? Em que sentido?

Numa outra escola um dos textos evidencia a falta de conteúdo para escrever sobre o tema *Ser criança*. O texto traz duas passagens significativas:

“Ser criança é bom demais, nós podemos brincar de qualquer coisa. Por exemplo: podemos andar de bicicleta, jogar bola, brincar de péga-pega e etc.

É bom ser criança, pois, nós não brigamos muito e nós fazemos tudo de bom. As festas de aniversário, o carinho da família, os presentes são tudo de bom de ser criança.

Os passeios que nós fazemos com a escola, para parques, teatros e apresentações de pessoas humoristas também é uma vantagem de ser criança.

[...] Também é bom ser criança, porque os pais, nos cobrem antes de dormir e dá o maior apoio em tudo que nós fazemos [...].”

O texto todo segue essa linha de raciocínio, concluindo que ser criança é, sempre, uma coisa boa. O problema está no fato de que o texto se limita a apenas um aspecto do que significa ser criança. Como esta, outras produções sobre a temática evidenciam que vários elementos em termos de conteúdo, capazes de promover o entendimento da questão e, nessa medida, elevar o nível de desenvolvimento das crianças, por certo, não foram trazidos e discutidos pelo professor. Por exemplo, o que é ser criança hoje, nesse contexto de exclusão social sem precedentes? É ter festa de aniversário, brincar bastante e não ter compromisso como os adultos? E as crianças que desde muito cedo são obrigadas a encarar o trabalho duro? E aquelas que não vivem com a família, que são assistidas por instituições ou moram nas ruas? Além dessas reflexões, poderia se desencadear outra, a da criança como um consumidor. Indústria e comércio, apoiados pelos meios de comunicação, se voltam a ela não como uma criança, mas como um consumidor em potencial. São aspectos importantes que, se





abordados, dariam ao pensamento e ao texto uma característica diferenciada, qualitativamente superior.

Outro texto demonstra a falta de raciocínio e de capacidade de análise. O conteúdo versa sobre o Sim e o Não, que parecem ser dois personagens um bom (sim) o outro mau (não):

As férias do sim

“[...] o sim resolveu viajar sem avisar os outros, no dia seguinte o sim tinha sumido [] mais logo atarde aconteceu uma coisa terrível, o não apareceu derrepente [] mais o sim voltou muito rápido e todo mundo ficou muito feliz e eles festejaram a volta dele [] e uma coisa que eles gostaram muito ponhando o não na cadeia”.

O texto faz referência a dois personagens denominados Sim e Não. O Sim parece ser bom sempre e o Não ruim. Falta uma análise no sentido de estabelecer relações que poderiam ter sido feitas, caso a professora tivesse discutido alguns pontos não abordados no texto. Dizer sim a tudo significa viver feliz, em paz? Sim é uma palavra que tem sempre um sentido positivo independentemente da situação? O dizer não é sempre ruim? A ideia presente no texto é que o sim é algo bom, enquanto o não algo ruim, mas isso nem sempre é verdadeiro. O texto evidencia um raciocínio limitado, o que, por certo, se deve à falta de elementos, de conteúdo. Estas palavras – sim e não – são empregadas, no texto, em um único sentido, por sinal, o mais elementar, apreendido e propalado pelo senso comum.

Esse próximo texto versa sobre a natureza. Nele, o aluno escreve:

A natureza

“Um dia eu sai de casa para a natureza. um dia, eu estava andando e vi uma lindo terreno cheio de flor aves.

Até que um dia eu estava bem cansada falei vou descansar, levantei e sai fui na escola vindo vi tudo bem.

No outro dia eu não tinha pensado que tinha um ninho nas árvores e também nem sabia que tinha passarinhos ali. foi até encontrei meu amigo dinivaldo nós ficamos olhando os pássaros”.





O tema *natureza* suscita uma ampla discussão antes de os alunos iniciarem o trabalho de escrita. Porém, o texto em questão simplesmente fala de alguns elementos que fazem parte da natureza. Tem por finalidade ser uma narrativa, mas não há uma história que envolva personagens, conflito e uma conclusão. Por outro lado, também não é uma dissertação, pois não fala sobre a natureza. A produção denuncia uma falta de clareza sobre aquilo que se está escrevendo. O aluno, autor do texto, como muitos outros, ainda não desenvolveu algumas capacidades para dissertar sobre este ou qualquer outro tema. Falta-lhe percepção, discriminação, raciocínio, capacidade para estabelecer relações. E isto se deve ao fato de ele não dispor de conceitos, de noções básicas e de explicações que formam essas capacidades permitindo-lhe expressar-se com fundamento e mais desenvoltura.

No que se refere à incapacidade de análise e reflexão, esta não é uma prerrogativa do texto acima. Trata-se de uma característica que, em maior ou menor grau, está presente em todas as produções. Várias razões podem ser arroladas no intuito de justificar a baixa qualidade dessas capacidades. Uma delas diz respeito, muito de perto, aos educadores: a falta de conteúdos que as promova. Não se trata de localizar culpados, mas de apelar para que a escola cumpra sua parte. É verdade que a escola não detém o processo formativo por inteiro, porém, detém dele um *quantum* significativo (PALANGANA, 1998).

Kostiuk (1997, p. 58) traz uma contribuição significativa sobre a importância do ensino, na escola, para a formação das capacidades psicológicas superiores. Ele escreve:

O ensino nas nossas escolas não pode limitar-se apenas a transmitir ao discípulo determinados conhecimentos, a formar um mínimo de aptidões e de hábitos. A sua tarefa é desenvolver o pensamento dos alunos, a sua capacidade de analisar e generalizar os fenômenos da realidade, de raciocinar corretamente; numa palavra, desenvolver no todo as suas faculdades mentais.





Como bem explica o autor, ao ensino cabe desenvolver o pensamento dos alunos, a capacidade reflexiva para perceber e analisar os fatos, as relações que estão dadas para além do imediato. O próprio Currículo Básico (1990) destaca que o aluno deve desenvolver uma visão de mundo menos mágica. No entanto, o que se encontra nas produções são escritos que denotam pouca ou nenhuma capacidade de reflexão, de análise. Se uma das funções da escola é formar um aluno crítico, até onde os textos podem mostrar, tal formação deixa a desejar.

As produções analisadas sinalizam no sentido de que falta ensino. E, como Vygotsky (1994), acredita-se que esse processo é fundamental. Dele depende o desenvolvimento de novos e superiores níveis de pensamento, de entendimento. O ensino só se justifica, afirma o autor, se for capaz de promover o desenvolvimento.

Fundamentada em Vygotsky e com base nas pesquisas que realiza, Fontana (1996) adverte que para a elaboração de conceitos, a criança precisa ter a possibilidade de, nas suas interações, se apropriar de conteúdos e formas de organização e de elaboração do conhecimento historicamente desenvolvidos. Assim sendo, na escola, a criança, mediada pelo professor, precisa estudar esses conteúdos, como se configuram, o que os justifica, os processos de transformação pelos quais passaram, para isso, ela tem que participar de discussões, de atividades que lhe permita, em entendendo seus significados e suas relações, internalizá-los. O ensino escolar se torna, pois, indispensável.

Percebe-se que a maioria das crianças não é capaz de narrar um acontecimento contendo início, conflito e conclusão bem delimitados e articulados. Faltam elementos que expliquem melhor cada ideia lançada. Nos textos, os alunos mostram que não têm internalizado o que é uma narração. Falta ensino, discussão, envolvimento do professor no trabalho de produção textual. Pergunta-se: que tipo de mediação está sendo promovida para que o aluno produza um texto com essa qualidade? O ensino está promovendo aprendizagem, tal como a concebe Vygotsky? Que espécie de conteúdos vem sendo internalizados para que a produção se encontre nesse nível?





Cabe ao ensino desenvolver o pensamento do aluno, suas capacidades mentais: a percepção, o raciocínio, a atenção, dentre outras. No entanto, os textos examinados não autorizam um parecer otimista sobre a concretização desse desenvolvimento. Ao ensinar conteúdos pondera Kostiuk (1977, p. 63), o professor exerce uma ação educativa de suma importância, pois além do conteúdo permite ao educando “a aquisição de determinados elementos da experiência social – opiniões, juízos de valor, normas, regras de comportamento moral etc”. Esses são os pontos para os quais o ensino há que atender.

Outro conceito fundamental em Vygotsky (1994), no que diz respeito ao processo de ensino, é a mediação. A mediação social é o principal fator no curso do desenvolvimento. Na escola, ela é sinônimo de conteúdo que perpassa a relação professor e aluno.

Fontana (1996, p. 19), pautada nos escritos de Vygotsky (1994, 1998), corrobora na explicação sobre sua importância:

A mediação do outro desperta na mente da criança um sistema de processos complexos de compreensão ativa e responsiva, sujeitos às experiências e habilidades que ela já domina. Mesmo que ela não elabore ou não aprenda conceitualmente a palavra do adulto, é na margem dessas palavras que passa a organizar seu processo de elaboração mental, seja para assumi-las ou para recusá-las.

Portanto, para escrever um texto, o aluno precisa muito da ajuda, da regulação do professor, pois é ele que através do trabalho com os conteúdos, possibilita a reconstrução interna desse conhecimento pelo aluno. É o professor que ao dirigir a discussão, ao promover debates embasados no conhecimento científico, permite ao aluno apropriar-se desse saber, dos conceitos, dos valores, dos modos de pensar. Tendo sido internalizados, pela mediação, os conteúdos, os modos de agir, papéis e funções sociais, passam para o controle do sujeito, possibilitando-lhe dirigir seu próprio comportamento.





Para que o desenvolvimento se concretize, é de suma importância que os conteúdos sejam trabalhados de maneira contextualizada. É preciso discuti-los em seus determinantes, estabelecer relações, explorar-lhes o significado na dinâmica das relações sociais. O domínio de conteúdos, de conceitos cada vez mais complexos, permite o desenvolvimento da abstração, da generalização, das operações lógicas, entre outras capacidades.

Retornando aos textos analisados, não se nota, neles, que, ao final da 4ª série, os alunos tenham desenvolvido, nem mesmo minimamente, uma compreensão da realidade social articulada, que vá além do imediatismo. Nota-se, isto sim, que o trabalho de mediação, deixa a desejar. Um exemplo dessa afirmação é o texto a seguir:

A primavera

“No dia 23 de setembro nós comemoramos o início da primavera. A primavera tem muitas flores bonita. Não tem flores só na primavera também tem no outono, no verão, etc.

Um dia numa floresta só tinha um casal de pássaro e esse casal eram triste porque só tinha eles de pássaro ali naquela floresta. Mas um dia eles criou um filhote e daqui uns dias o filhote aprendeu voar. Esse filhote todo dia passeava pela floresta e ele gostava muito da floresta porque tinha muitas flores”.

No início, a tentativa é de dissertar sobre a primavera. Contudo, como o aluno não dispõe de conhecimento suficiente nem sobre o tema nem sobre a forma adotada, já no segundo parágrafo deixa de lado a dissertação e parte para uma narração. Daí a evidência de que a relação professor/aluno/conhecimento foi falha ou insuficiente. O segundo parágrafo da composição não só não dá sequência nem complementa o primeiro, como não se articula à temática. Trata-se de uma ideia solta. Acredita-se que, uma interação próxima com a criança, no momento da produção, pode resolver esse problema.

O professor poderia discutir a primavera (se esse era o propósito) no contexto das estações do ano as quais hoje, devido ao processo de degradação da natureza, não se encontram tão definidas assim. As estações, na verdade, se misturam: ondas de





calor, seguidas de frio, plantas que floresciam numa determinada estação florescem fora de sua época, entre outros aspectos. É uma discussão que não requer muito tempo (se esse é um dos problemas), mas que dá ao aluno elementos novos e importantes para ter melhor desempenho na escrita.

Uma outra produção versa sobre futebol. O aluno escreve:

“Um dia um menino chamado Pedro, ele não tinha nada para fazer. Então ele chamou o amigo dele e que se chamava Carlos. Eles foram jogar futebol [] quando eles estão jogando o Carlos caiu [] O Pedro foi telefonar para a mãe de Carlos [] No outro dia ele estava bem, e foi jogar futebol com o Pedro e nunca mais ele caiu no jogo”.

Se a pretensão do professor, ao propor o tema futebol, era a de que os alunos escrevessem algo sobre isso, o objetivo não foi de todo alcançado, já que nesse texto, a questão central não é o jogo e sim o tombo do personagem. Esse é um tema que desperta a atenção, especialmente entre os meninos. Não obstante, para que se obtenham bons textos quanto ao conteúdo, à sequenciação, é necessário ensinar. Em se tratando de futebol, por exemplo, pode-se refletir sobre o seu surgimento, o prestígio que essa modalidade de esporte tem hoje, o comércio que o cerca, etc. Poderia se focar a Copa do Mundo, mostrar como um país como o Brasil, com tantos problemas sociais, pára diante do futebol. Se essas e outras questões fossem levantadas e debatidas, os alunos desenvolveriam uma postura um pouco mais crítica. O pensamento analítico se promove pela mediação.

Num outro texto, tomou-se como tema para uma produção *O corte de árvores*. Um dos alunos escreve:

“Certo dia na floresta alguns homens foram cortar árvores sem a permissão do Ibama. Eles eram cortadores de árvores [] Um dia esses homens foram contratados para cortar uma árvore. Mas não eram as árvores que eles cortam era uma árvore Pau-Brasil [] Quando eles chegaram o Ibama estava lá então eles prenderam eles”.





Nesse caso, o aluno sabe da existência do Ibama e que o corte de algumas espécies de árvores não é permitido. Talvez esse conhecimento tenha sido passado pela professora. Falar sobre o trabalho do Ibama é importante, os alunos precisam saber da existência desse órgão que está a serviço da proteção da fauna e flora brasileira. Mas, é fundamental discutir o porquê da necessidade de sua criação. É mister mostrar que quando se criam órgãos de proteção e iniciam-se campanhas de preservação, é porque os homens, em nome da acumulação de capital, do lucro, já agrediram a tal ponto a natureza que acabam por prejudicar a própria humanidade. Essa discussão deve estar presente na escola, para que os alunos adquiram a capacidade de refletir sobre os problemas enfrentados pela sociedade atual.

A preocupação para com a qualidade das interações em sala de aula, torna oportuna a transcrição e análise de um outro texto com o título *O show*:

“Era uma vez uns cantores.

No meio da calçada tinha um cataz eu cheguei até a tropeçar, escrito.

Haverá um show.

Eu desejava ir a es show, seria legal e eu convidaria meus amigos. Seria o máximo [] meus pais deixaram eu ir e eu chamei os meus amigos e amigas [] O show era em um estádio. O estádio, estava lindo, ainda mais com os Back Street Boys [] A vibração era de desespero e de alegria todo mundo gritando lindo, tesão, bunito, gostosão, repetiram várias vezes [] O fim foi muito triste, eles se despedindo jogando rosas vermelhas, brancas e rosas mesmo [...].”

Essa produção retrata um conteúdo veiculado pela mídia. O fanatismo a um grupo de cantores americanos que está ganhando milhões de dólares e que tem como público, adolescentes. Até os adjetivos amplamente divulgados pela televisão, o aluno emprega em seu texto.

Não se vislumbra nos textos nenhum conceito ou valor que possa ter sido trabalhado pela escola, discutido pela professora. O conteúdo enfocado lembra em muito os que são veiculados pelos





meios de comunicação de massa, em especial pela TV. A escola perde, aqui, uma excelente oportunidade, a produção textual, para debater argumentos contundentes que ajudem a denunciar a cultura de massa.

Nesse caso, as evidências demonstram ter faltado uma discussão que, partindo do conteúdo veiculado pela mídia, pudesse ir para além dele, mostrando como a indústria cultural cria ídolos e os tornam indispensáveis à vida de cada um. Como esses ídolos movimentam o mercado consumidor e como são fundamentais para o seu crescimento cada vez mais exacerbado. “A indústria cultural anula este potencial crítico da cultura ao realizar ilusoriamente aquele ideal de liberdade e felicidade por meio de sua mercantilização” (WEBER, 1997, p. 146).

Percebe-se um professor alheio no momento da produção e, mais do que isso, a falta de discussão, de reflexão, com base em conceitos, valores e raciocínios cuja lógica possa enfrentar o mundo das aparências, a naturalização dos fatos. Como formar um aluno crítico, que compreenda as relações sociais nas quais está inserido, se a escola não fornece os elementos necessários à formação desse pensamento?

Por meio dos textos analisados, verifica-se que a escola não tem conseguido formar a capacidade de reflexão, de análise crítica nos alunos. Estes ainda se encontram com um pensamento calcado no imediatismo e no senso comum, tendo como parâmetro de conhecimento o que é veiculado pela televisão.

Assim, para ser um bom construtor de textos, o aluno precisa ter algumas capacidades relativas à escrita que serão avaliadas pelo professor, devendo este no momento da avaliação respeitar o nível do aluno, ou seja, deve considerar que o processo de apropriação dos conteúdos da língua é gradativo.

Numa produção de textos se faz necessário a clareza de ideias, essa se caracteriza, sobretudo, pela unidade de significado e coerência entre as ideias que integram o texto. Koch e Travaglia (1989, p. 11-12) falam sobre a coerência:





[...] a coerência é algo que se estabelece na interação, na interlocução, numa situação comunicativa entre dois usuários. Ela é o que faz com que o texto faça sentido para os usuários, devendo ser vista, pois, como um princípio de interpretabilidade do texto. [] seria a possibilidade de estabelecer no texto, alguma forma de unidade ou relação.

No que diz respeito à capacidade de empregar adequadamente os elementos de coesão, os textos mostram uma realidade preocupante. Conforme Koch e Travaglia (1989, p. 13) a coesão é “[...] a ligação entre os elementos superficiais do texto, o modo como eles se relacionam, o modo como frases ou partes delas se combinam para assegurar um desenvolvimento proposicional”. Portanto, os elementos de coesão são aqueles que dão ao texto uma unidade, que “costuram” as partes e dão a ele significado. A maioria dos textos não utiliza os elementos de coesão, donde as frases ficam soltas.

Mas, o que revelam as produções sobre esta capacidade? Nas produções examinadas, tal como na que se segue, há uma grande dificuldade de escrever com clareza e expor as ideias numa sequência lógica, que permita ao leitor compreender o texto.

O gato o rato e o cachorro também

“Era uma vez o cachorro teu uma folha para o gato e o gato falou para o cachorro eu poso tar a folha para o rato sim. daí quando o cachorro foi pegar a folha para o rato estava tudo picado e o cachorro correu atras do rato e do gato e um dia o gato correu atras do rato e o cachorro ficou olhando e um e foi assim que os três sintenteram e ficaram amigos”.

Ao escrever, o aluno deve considerar o interlocutor, ou seja, alguém que vai ler seus escritos. Logo, a mensagem precisa estar clara para o leitor. Todavia, não é o que se verifica nos textos. Os alunos escrevem para si mesmos, omitindo informações importantes, capazes de esclarecer e dar significado às produções.

Como bem demonstram Vygotsky (1998) e Kostiuk (1977), as capacidades intelectivas no caso, de expor as ideias com sequência e clareza não se formam nem, espontaneamente, nem





em consequência da ação direta do sujeito no meio. Para que possam se reconstituir no âmbito individual é preciso que antes, estejam claramente articuladas nas relações que o professor estabelece com os alunos, quer dizer, no âmbito interpessoal. Assim sendo, o desenvolvimento dessas capacidades, como enfatizado anteriormente, requer mediação, ensino. Um ensino que explicita a falta de clareza e de sequência nos escritos, as complicações que este fato acarreta, que compare, que promova o questionamento e, nessa medida, forneça condições para apreensão da capacidade pelo aluno.

Em relação ao emprego adequado do vocabulário, há inúmeros textos que evidenciam uma grande dificuldade no que diz respeito a essa capacidade. Muitos deles utilizam palavras que não se encaixam no contexto da produção. Além do emprego inadequado de vocabulários, constata-se a repetição de termos. Nesse sentido, observa-se:

Os tês porquinhos

“[...] Ele foi para a floresta passear lá por que eles nunca morrou lá mas eles gostou muito de lá mais lá tem muito lobro e muitas coisa que eu não sei mais eu só sei que Ter lobro mais tem mais coisa por lá mais eu não sei que tem lá eu gosto muito de floresta mais eu não fico lá de noite tem dia que eu vou lá mais quando eu chego da escola eu vou fajer minha tarefa de casa mais eu fou também de dia quando eu acordo de manhã eu já vou lá brincar [...]”.

Fica evidente, nesses textos, que as crianças não conseguem empregar corretamente o vocabulário. Verificam-se repetições demasiadas de termos como “lá”, justamente porque esses alunos não tem consciência da própria dificuldade e de que o texto deve ter uma linguagem clara, para que o leitor o entenda.

Se o professor tivesse estabelecido, com os alunos, uma interação próxima e atenta, durante a elaboração do texto, como recomenda Vygotsky (1998), ele poderia ter identificado o problema junto com os alunos, o discutido e, nessa medida, ter oferecido elementos no sentido da sua superação. Assim, não basta produzir textos quase que diariamente se os limites, os tropeços que se





manifestam na escrita e que são, antes, do pensamento, não forem deflagrados, debatidos e, por essa via, superados.

Quanto à capacidade de organizar os parágrafos, segundo Napolini (1996), quando a criança, em seu texto, usa parágrafos, significa que ela já desenvolveu uma consciência sobre a silhueta do texto escrito. Mas, o que revelam as produções dos alunos sobre este fato? A incapacidade para lidar com parágrafos é facilmente constatada:

O sol

“O sol no céu estava muito triste porque ele não tinha amigos, e chegou uma borboleta e disse sem você os seres vivos não sobrevivia porque você esquenta a terra e ajuda a natureza e a arvore viu tudo e disse sem você o oxigenio não existe e as plantas tambem e a arvore apresentou um amigo para o sol e o nome dele era Clorofila e ela falou que o calor do sol é muito importante para o trabalho da clorofila e o sol ficou todo alegre e viveu alegre e feliz para sempre”.

Os alunos mostram não ter consciência da silhueta do texto escrito. Eles também não têm presente a noção de interlocutor, ou seja, que o texto é produzido para uma outra pessoa, logo, deve ser escrito organizadamente, para que o leitor o compreenda. Nota-se pressa em concluir o texto, já que as ideias nele pontuadas não são desenvolvidas.

Além das capacidades já analisadas, há outra igualmente importante e, não menos problemática. Esta diz respeito à utilização correta da norma padrão (concordância verbal e nominal, tempos verbais, ortografia, acentuação e pontuação). É sabido que o aprendizado da norma padrão não é simples, demanda, quando menos, a percepção e internalização de convenções, o entendimento e posterior memorização de regras, bem como a associação entre determinadas situações de escrita e determinados recursos linguísticos, como por exemplo, os elementos de coesão.

Assim sendo, para que tal aprendizado ocorra não basta dispor as condições físicas e facilitar a construção do conhecimento. É





necessário ensinar consciente e deliberadamente. “O desenvolvimento é determinado pela educação. Esta alcança seu objetivo imediato (particular) e definitivo (geral) quando põe em ação as capacidades potenciais do aluno, e, em conformidade, dirige a sua utilização” (KOSTIUK, 1977, p. 66-67).

É importante destacar que os textos analisados nesse trabalho, pertencem a uma classe diferenciada, no que diz respeito às condições socioeconômicas. Quando da escolha das escolas, levou-se em consideração bairros distintos quanto a este aspecto. No entanto, não se percebe diferença entre os textos recolhidos nas escolas centrais, de bairros ou da região de Maringá/PR. Os problemas com a escrita aqui apontados permeiam as produções em geral.

Com base nas produções estudadas, verifica-se que muitas das capacidades relativas à linguagem escrita ainda não são do domínio de alunos que estão concluindo a 4ª série. A falta de um ensino comprometido com a qualidade da escrita, com a ortografia, acentuação, pontuação, organização de parágrafos, verbos, entre outros aspectos, é evidente. É preciso investir na formação dos professores. O ensino, tal como a formação do professor, está deixando muito a desejar. Do que os textos revelam, deduz-se que a questão de maior importância, a aprendizagem dos alunos, não tem sido prioridade.

Considerações finais

As produções dos alunos examinadas evidenciam que os conceitos principais de aprendizagem, ensino, mediação tal como Vygotsky (1994) os concebe tem deixado a desejar.

Não se pretende, com este estudo, tirar conclusões generalistas e dizer que a escola não tem ensinado com propriedade. Contudo, não se podem ignorar os dados coletados nas 10 turmas de 10 escolas que serviram de campo para esta pesquisa. Eles denunciam um ensino que não consegue promover o desenvolvimento de capacidades consideradas importantíssimas pela Educação Fundamental.



As produções dos alunos deixam ver um ensino descompromissado com a formação de uma consciência capaz de perceber, refletir, analisar; com uma formação que tenha como prioridade a emancipação do sujeito. Por meio dos conteúdos escolares, devidamente articulados e situados no processo de transformação social, é preciso dar a conhecer, ao aluno, a cultura, a sociedade a que ele pertence. Nessa perspectiva, educar não é pois, modelar pessoas, tampouco é mera transmissão de conteúdos sem sentido.

Para Vygotsky (1998, 2001), o ensino é de extrema relevância, como discutido anteriormente. Além de permitir a apreensão do conhecimento científico, contribui para o desenvolvimento das funções complexas superiores. É pela mediação do professor entre os conteúdos escolares e o aluno que esses conteúdos e, junto com eles, as formas de pensar são reelaborados nos novos membros da espécie. Os conteúdos escolares, mediados pelo professor, desencadeiam nos alunos novos processos cognitivos. Esse conteúdo precisa ser explicitado, situado historicamente e relacionado a outros conteúdos de domínio do aluno. Ocorre que as sistematizações que constituem os textos examinados não permitem afirmar que deles tenham derivado novos processos cognitivos, um pensamento de qualidade superior.

Pelas produções percebe-se um professor alheio no momento da escrita do texto pelo aluno e, mais do que isso, a falta de discussão, de reflexão, com base em conceitos, valores e raciocínios cuja lógica possa enfrentar o mundo das aparências, a naturalização dos fatos. Nem mesmo a fluência do ato de escrever está sendo alcançada. Como formar um aluno crítico, que compreenda as relações sociais nas quais está inserido, se a escola não fornece os elementos necessários à formação desse pensamento?

Os dados obtidos dos escritos dos alunos autorizam afirmar que o ensino conceituado por Vygotsky (1994) está longe de ser alcançados pelo trabalho que vem sendo realizado nas escolas. A formação dos professores não é suficiente para que essa educação possa se concretizar. O professor, em regra geral, tem ensinado o





conteúdo pelo conteúdo. Ele não consegue estabelecer relações, nem situar esse conhecimento no contexto das necessidades que o produziram. Nem o processo de alfabetização tem sido efetuado com o critério e com o sucesso necessário. Os alunos que elaboraram os textos demonstram muita dificuldade para com a escrita. Nesse sentido, até mesmo a educação de cunho positivista, que tem como finalidade última a adaptação do sujeito à sociedade, não vem sendo objetivada, já que esse sujeito não consegue lidar com a própria língua.

Os resultados da pesquisa em pauta levam a postular que há muito por ser feito no campo da educação e, mais especificamente, no trabalho com a língua portuguesa, com a escrita da língua. É preciso repensar a forma como se tem ensinado, o que se está ensinando e, o mais importante, como os conteúdos estão sendo ensinados. Há que se repensar a formação propiciada aos alunos. Esse é o ponto chave da questão.

Referências

DOMINGUES, Analéia. **A escolaridade organizada em ciclos: análise do desempenho de alunos de 4^a série na área de Língua Portuguesa.** Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Maringá (UEM), 2003.

FONTANA, Roseli Cação. **Mediação pedagógica na sala de aula.** Campinas: Autores Associados, 1996.

KOCH, I.G.V.; TRAVAGLIA, L.C. **Texto e coerência.** São Paulo: Cortez, 1989.

KOSTIUK, G. S. Alguns aspectos da relação recíproca entre educação e desenvolvimento da personalidade. In: LURIA, LEONTIEV, VYGOTSKY. **Psicologia e Pedagogia I: bases psicológicas da aprendizagem e do desenvolvimento.** Editorial Estampa. p. 51-71.

LURIA, A. R. **Curso de psicologia geral.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979. v. I.

PALANGANA, I. C. **Individualidade: afirmação e negação na sociedade capitalista.** São Paulo: Plexus, 1998.





PARANÁ. **Currículo básico para a escola pública do estado do Paraná.** Curitiba: SEED, 1990.

VYGOTSKY, L. S. **Psicologia pedagógica.** São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1994.

_____. **O desenvolvimento psicológico na infância.** São Paulo: Martins Fontes, 1998.

